

Revolução e contrarrevolução na Venezuela

Henrique Capriles é o dirigente direitista mais ilustre da burguesia e fiel aliado do imperialismo estadunidense. Há anos organiza a parcela mais retrógrada da pequena burguesia e da burguesia para golpear a revolução venezuelana. Esteve presente nas principais batalhas que tiveram esse objetivo. Quando aconteceram as operações de sabotagem econômica, orientou permanentemente ao conflito. No momento em que essas operações passaram ao confronto aberto com manifestações antirrevolucionárias organizadas pela quadrilha de Leopoldo López (amigo inseparável de Capriles), a burguesia venezuelana, dividida quanto aos métodos a serem adotados, encontrou nele uma voz meiga e adocicada pregando o entendimento com Maduro para evitar a guerra civil.

Todos, Capriles e Leopoldo López, estão conscientes de que a burguesia quer liquidar as conquistas da revolução. Eles sabem jogar seu papel. Leopoldo à frente, postase mais à direita, como um pitbull. Capriles, como moderado defensor da ordem e do entendimento. O objetivo desta divisão de tarefas? Seguir preparando a contrarrevolução, paralisar e dividir os revolucionários com o canto da sereia da aliança e da salvação nacional.

As massas revolucionárias, presentindo o perigo, saem às ruas novamente. Elas entram em confronto com a burguesia, que, seguindo

os padrões do golpe de 2002, coloca franco-atiradores a meterem balas nas cabeças dos manifestantes. Criam assim uma situação de medo e pânico, aprofundando as condições para a radicalização da direita armada. Uma vez mais o povo está empenhado na defesa da revolução e de suas conquistas.



O fascista López discursa antes de sua prisão

Em 16 de fevereiro, Leopoldo López teve a sua prisão decretada e declarou que terá valido a pena se o povo venezuelano levantar-se contra o caos econômico.

Segundo notícias do Aporrea e da Folha de S. Paulo, a juíza Raleny Tovar decretou que López fosse levado no dia 18 para o Centro de Processos Militares de Ramos Verde, na cidade de Los Teques, onde estão vários presos da direita. No dia 19, ela decidirá se ele permanece preso. Há um claro sentido de manobra nesta operação: ganhar tempo e esfriar o ânimo revolucionário das massas. Enquanto isso, seguem-se as manifestações de rua, com confrontos entre esquerda e direita.

López, antes de ser preso, cini-

camente declara que "essa luta é pelos jovens, pelos estudantes, pelos presos e por todo o povo venezuelano que sofre com as filas e a escassez". Filas e escassez que seus financiadores empresários, ajudados por Capriles, criaram.

A chama da contrarrevolução hoje é López e, por isso, ele declarou que não fugiria e nem entraria na clandestinidade. Fez um discurso em uma manifestação que havia sido proibida. Falou de cima de uma estátua de José Martí, líder da luta pela independência cubana. Na Praça Brión, em Caracas, foi informado que uma multidão vermelha que saía da Praça Venezuela e se dirigia ao Palácio Miraflores, interporia-se no caminho dos manifestantes da direita. A força da manifestação dos revolucionários obrigou López a se entregar. Em meio aos seus, ele gritava: "A violência não pode ser apresentada como método de nossa luta". Seus apoiadores, percebendo que os manifestantes revolucionários poderiam esmagá-los, gritavam contra a prisão, mas não adiantou. López foi preso. Uma derrota para a direita. Até quando?

A solidariedade revolucionária nesse momento pode jogar importante papel, mas apenas o aprofundamento da revolução, a expropriação dos bancos e das grandes empresas pode salvar a revolução. Nenhuma trégua e conciliação com a burguesia podem ser aceitas.

Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com as organizações e agrupamentos ultraesquerdis-

tas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócua e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estati-

zação sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Comitê Central da Esquerda Marxista

Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional. Número 35 - 21 de Fevereiro de 2014 - Preço R\$ 1,00

Rafael Daquerre



O povo aprende com sua própria experiência

A Copa vai ser das ruas em 2014!

A Revista Time deu o título de "Personalidade de 2013" da América Latina para: as ruas. O Boletim Foice & Martelo também. Em 2014, a campanha da Esquerda Marxista "Público, Gratuito e para Todos: Transporte, Saúde e Educação! Abaixo a Repressão!" ajudará a colocar as ruas em primeiro lugar no pódio outra vez.

A Time, que é uma revista imperialista, poderia repetir o título no Oriente Médio. Lá, em um só dia, 17 milhões de egípcios saíram às ruas e colocaram fim a 12 meses do governo reacionário de Mohamed Morsi, da Irmandade Muçulmana. Em

toda essa região veem-se mobilizações e instabilidade dos regimes.

Na Ásia, a Indonésia está à beira de um colapso econômico, com diversas regiões ameaçando separar-se e as massas estão nas ruas. Na Tailândia, o governo luta para não cair e a oposição faz manifestações permanentemente. Na China, os ex-stalinistas convertidos ao capital enriquecem cada vez mais enquanto prendem seus ex-colegas de Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PCC) por corrupção. Em meio a tudo isso, os operários manifestam-se, realizam semi-insurreições,

ocupam, executam gerentes e patrões, aumentando assim a crise nas cúpulas chinesas.

Na Europa, as greves gerais de Portugal e da Grécia só não derrubaram os governos porque os dirigentes das organizações de massa apoiam o capitalismo. Na Espanha e na Itália, também tem havido greves e manifestações poderosas. Na Suécia, jovens e imigrantes incendiam as periferias das grandes cidades. Na Inglaterra, os protestos colocam na parede o governo conservador. Na França, o presidente "socialista" aplicou os planos capitalistas e agora tem apenas 15% de apoio. Manifes-

tações varrem a Rússia e a Ucrânia (sequestradas pela extrema direita). Greves e mobilizações sacodem a Bósnia, a Sérvia e até a Áustria.

Na América do Norte, o estável Canadá viu as ruas tomadas por centenas de milhares de estudantes. O México foi inundado por greves e manifestações. Nesse país dezenas de cidades controladas por milícias populares de autodefesa expulsaram os narcotraficantes e a polícia.

Os governantes parecem não saber o que fazer. Inclusive porque o aumento da repressão passa a impressão de não acalmar ninguém. Os trabalhadores e a juventude começaram a dizer não e a perder o medo, pois a situação de vida sob o capitalismo é insuportável.

No Brasil, Argentina, Bolívia e Colômbia, passeatas, pannels, greves massivas, enfrentamentos de rua, ocupação de fábricas e de repartições públicas foram a tônica em 2013. A polarização entre as classes se acentua e tudo fica elétrico. Até o "rolezinho" se transformou em um caso político nacional. Cada grande cidade e país expressam, à sua maneira, a situação crispada das forças de classe em luta. As demagogias e as promessas falsas não duram mais que um instante, ofuscadas pela dureza da vida e pelo mal estar de toda a civilização capitalista.

Na Venezuela, a oposição burguesa, conduzida e sustentada pelo imperialismo norte-americano, tenta reproduzir as condições econômicas e sociais do Chile de Salvador Allende, que levou ao golpe de Augusto Pinochet. Ela esconde alimentos e desabastece o país, provoca choques com bandos armados, invasões, mortos e feridos nas ruas, tentando restabelecer o controle

oligárquico-imperialista sobre o país da revolução bolivariana.

Na Argentina, com a inflação a 30%, as manifestações de rua se repetem semanalmente. Greves explodem e a crise do governo é cada dia maior. Nas eleições, a esquerda avança como nunca antes na história do país. A oposição de direita à Cristina Kirchner cada vez incentiva mais manifestações, tentando inviabilizar o governo. Ela, que tomou a tarefa de seu marido de reconstruir o Estado Burguês após 2001 e 2002 e que, por isso, adotou algumas medidas populares, continua a tentar governar para o capital, equilibrando-se entre as forças populares e a burguesia.

Os mineiros peruanos fazem grandes mobilizações colocando o governo na parede. Da mesma forma, agem os importantes mineiros do Chile, onde Michelle Bachelet ganhou as eleições, mas não vai atender as reivindicações. Os estudantes desse país também voltaram às ruas para assombrá-la.

Tudo é sólido e se desmancha no ar frente às manifestações de milhões nas ruas. Porém, a ausência de partidos revolucionários permite que uma grande confusão seja armada pelas forças mais reacionárias.

Na Bolívia, um grupo de menores, manipulados por canalhas exploradores, tentou incendiar a Assembleia Legislativa para impedir a votação de uma lei proibindo o trabalho infantil.

No Brasil, vê-se a repressão desenfreada contra as manifestações combinada com a tática irresponsável e desorganizadora dos Black Blocks. O resultado recente foi a morte do cinegrafista Santiago Andrade e a confusa farsa montada pela PM, mídia e autoridades (endossada por Dil-

ma e sua equipe). O ambiente ideal para que o governo intensifique a repressão e a criminalização.

Estes governantes, como Dilma, Cristina e Bachelet, que chegaram ao governo levados pelas massas contra o *status quo*, sentem-se como expressou o ministro Gilberto Carvalho: "traidores pelas ruas". Porém, foram eles que as traíram.

Por isso a credibilidade das instituições e de seus defensores é tão baixa. É isso que alimenta as ruas. Se os "representantes políticos", burgueses e pretensos "socialistas ou progressistas", só mentem e fazem o contrário do que prometeram, as únicas soluções são a mobilização, a organização e a revolução!

Nesta maldita democracia de eleições milionárias, de juízes que criminalizam todo o movimento social que é o motor da história, de governantes que se passam para o lado de lá sem cerimônia, o ronco surdo das massas no asfalto, a música rude do povo nas ruas com suas experiências e aprendizados, anuncia uma época em que todos os governantes têm vocação para serem derrubados.

A indignação coletiva rapidamente pode converter-se em revolução. Os que ocupam os palácios sabem que correm o risco, eles próprios, de acabar na rua. Preferencialmente, varrendo-a.

Essa é uma época em que revolução e contrarrevolução enfrentam-se cotidianamente. Por isso, que venham os aumentos dos combustíveis e dos transportes. Que venham a Copa e a repressão. Que venham as eleições. Essa é a escola onde as massas aprendem e constroem sua organização. Estaremos lá com elas, porque somos comunistas. Que venha 2014!

O significado das doações aos dirigentes do PT condenados pela AP 470

Genoino, Delúbio, José Dirceu e João Paulo, condenados sem provas pelo julgamento da Ação Penal 470, apelidado pela grande mídia de julgamento do "mensalão", foram presos e condenados a pagar altas multas.

Apoiadores e familiares desses dirigentes realizaram campanhas pedindo doações pela internet para a quitação dos valores e, para constrangimento do Supremo Tribunal Federal (STF), tiveram um significativo sucesso. Genoino arrecadou mais de R\$ 700 mil, Delúbio mais de R\$ 1 milhão. O excedente foi usado para pagar a multa de João Paulo e o site de José Dirceu em 48 horas já contava com R\$ 225.772,95 de arrecadação.

O ministro do STF, Gilmar Mendes, na tentativa de desmoralizar o resultado, acusou os doadores de estarem envolvidos em lavagem de dinheiro. A filha de Genoino, Miruna Genoino, respondeu: "Nossa campanha foi feita por muita gen-

te, gente com nome, RG e CPF. No caso do meu pai, temos 2.620 pessoas que nos mandaram essas informações, por exemplo. Por isso, não temos medo de provar nada caso seja necessário".

Uma boa parcela dessas doações foi realizada de forma espontânea e militante. Lula ficou de fora dessa, claro. Mantendo a vergonhosa distância do caso e dos companheiros presos injustamente.

Apesar da atitude passiva dos próprios condenados, que se entregaram prontamente à polícia. Apesar de Genoino e João Paulo, que, para evitar o constrangimento do Congresso e dos parlamentares petistas, renunciaram aos seus mandatos. Apesar de nenhum deles convocar a mobilização das bases. Apesar do PT se recusar a levar uma campanha em defesa dos seus dirigentes. Apesar de tudo isso, houve nessas doações uma expressão da vontade de luta da base contra o STF e sua farsa. Essa

situação faz recordar os distantes e esquecidos métodos de arrecadação coletiva para a sustentação do partido.

A farsa do julgamento da AP 470 visa, no fundo, desmoralizar o PT, os militantes e as organizações da classe trabalhadora, abrindo as portas para a criminalização dos movimentos sociais. A vergonha maior é que o próprio governo do PT, em coalizão com a burguesia, além de calar-se sobre a AP 470, está colocando-se na cabeça da repressão contra as mobilizações, manifestantes e movimentos sociais.

O acirramento da luta de classes tem trazido consigo a escalada desse processo. São as atitudes desesperadas da burguesia para preservar seu sistema, o capitalismo, nessa época decadente. É preciso ampla solidariedade e unidade para barrar a burguesia e abrir caminhos para o avanço da construção do socialismo.

Massivo Congresso do MST encontra no governo uma barreira

Depois de uma grande marcha com mais de 15 mil integrantes, os militantes que participaram do 6º Congresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizado em Brasília, acabaram encontrando-se com a presidente Dilma. Uma vez mais eles receberam promessas e comprometimentos de estudos.

A marcha realizada pelo movimento foi duramente reprimida, demonstrando que o governo, em alguns casos, apenas bate e, em outros, bate e sopra, mas não atende as reivindicações.

Diante da força da mobilização, Dilma optou por bater, prometer e nada fazer para diminuir o drama em que vivem as mais de 100 mil famílias sem terra espalhadas pelo país. Seguindo o MST, a reforma agrária

está paralisada e o governo tem sido incapaz de resolver esse problema.

Os sem terra criticam o governo por existirem 80 mil lotes vagos nas áreas irrigadas do Nordeste, com toda a infraestrutura, mas nenhuma distribuição. Enquanto isso, o agronegócio expande-se e a miséria entre os trabalhadores que não têm terra aumenta. Eles também recriminam o governo por permitir, através de uma Medida Provisória, que os lotes sejam privatizados, empurrando os beneficiados a venderem os espaços a grandes investidores e ao latifúndio, o que desmoralizaria a luta pela reforma agrária.

Outra crítica que o MST faz refere-se aos programas de Aquisição de Alimentos e de Alimentação Escolar, tratados por

Dilma como grandes avanços, mas que na verdade atingem apenas 5% das famílias camponesas pobres.

Porém, apesar de ter demonstrando grande combatividade, o congresso do MST não fez a discussão de fundo contra o caráter de colaboração de classes do governo. Acabou não debatendo a necessidade de lutar por um verdadeiro governo dos trabalhadores, apoiado na CUT e no MST, sem nenhuma aliança com a burguesia.

Outro ponto fraco do congresso foi a ausência da discussão sobre a necessária aliança dos trabalhadores urbanos com os camponeses pobres, para avançar na construção do socialismo e abrir uma real perspectiva de luta unitária pelas reivindicações, pelo fim do capitalismo.

Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com). Diretor responsável: Serge Goulart. Editor responsável: Wanderici Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB nº 40040/SP.
Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000
e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.